

O ATENEU: violência vertical, preconceito e *bullying* no final do século XIX

THE ATHENAEUM: vertical violence, prejudice and bullying at the late of the 19th century

O ATENEU: violencia vertical, prejuicio y bullying a finales del siglo XIX

L'ATHÉNÉE : violence verticale, préjugés et intimidation à la fin du XIXème siècle



Eduardo Borba Gilioli* 

Maria Terezinha Bellanda Galuch** 

Cleonice Aparecida Raphael da Silva*** 

Introdução

A pesar dos avanços das pesquisas sobre a violência escolar de forma geral e sobre o *bullying* de maneira particular, permanece a dificuldade de identificação desse tipo de agressão, notadamente pelos docentes (Silva *et al.*, 2021), especialmente no caso de abusos socioemocionais (Cañongo; Villegas; Tomasini, 2023), tendo em vista que muitos ataques são camuflados pelo tom de brincadeira com que são realizados. Inclusive, é comum nos depararmos com comentários jocosos que desconsideram a gravidade do problema.

Diferentemente de outros países, no Brasil, a maior parte dos casos de *bullying* ocorrem nas salas de aula, possibilitando, em tese, uma profícua intervenção dos docentes, todavia, em virtude da superficialidade do conhecimento de muitos professores sobre o problema, as ações de violência, em geral, são abordadas de maneira inapropriada, ou passam despercebidas (Silva; Bazon, 2017).

* Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

** Universidade Estadual de Maringá.

*** Universidade Estadual de Maringá.

Também há estudos que sinalizam uma discrepância na percepção de *bullying* entre discentes e docentes. Os últimos relatam menor ocorrência de *bullying*. Se dividirmos o grupo de professores por gênero, a percepção sobre a gravidade das agressões também destoa; as professoras avaliam as hostilidades com mais severidade; já os professores compreendem que o problema seja menos grave (Granados; Ramírez; Tomasini, 2020, Silva; Bazon, 2017). Hipoteticamente, essa diferença ocorre por conta de uma educação masculina voltada, hegemonicamente para o desenvolvimento da força física e da coragem que, em tese, justifica o resultado da pesquisa de Malta *et al.* (2019) que conclui que os meninos são mais propensos à vitimização do *bullying* escolar, por agressões físicas, em comparação com as meninas.

Ao mesmo tempo, deparamo-nos com alguns pontos de vista, amparados pelo senso comum, associando o sofrimento causado pelo *bullying* à suposta personalidade fragilizada das novas gerações, como se a virilidade, a coragem e a capacidade de se defender dos pares, ou mesmo de suportar calado o sofrimento, fossem sinônimos de uma personalidade bem constituída (Fernandes; Dell'aglio, 2023), quando, na verdade, a violência irracional é um sintoma da debilidade do Eu (Crochík, 2015). Há também quem afirme que em sua época de estudante não havia *bullying* (Santos, 2014), talvez porque viveram em um período anterior às pesquisas sobre o *bullying*; porque o *bullying* era pouco discutido, ou mesmo por refutar as informações que dispõe sobre essa forma de violência.

Sabemos que o *bullying* se faz presente nas instituições educacionais desde o seu surgimento (Fante, 2005; Silva, 2010) e que a literatura brasileira é vasta em narrativas que exploram o caráter opressor do ambiente escolar do fim do século XIX e do início do século XX (Carvalho, 2019). Mesmo que se trate de tramas fictícias, as violências representadas são inspiradas na realidade (Danelon; Silva, 2020), sobretudo, porque, em alguns casos, o sofrimento dos personagens se confunde com o drama vivido pelos próprios autores (Carvalho; Carvalho, 2008; Miskolci; Balieiro, 2011; Lucas, 2012; Machado, 2019), como ocorre no romance *O Ateneu* (Pompéia, 1996).

O livro *O Ateneu* de Raul Pompéia (1863-1895) foi lançado no ano de 1888, tornando-se uma das principais obras brasileiras do século XIX (Guia do Estudante, 2022), que aborda precisamente os meandros da educação

institucionalizada, escancarando os seus mecanismos coercitivos. Para Carvalho (2019, p. 6), cujo objeto de pesquisa é a temática da violência escolar na literatura brasileira, *O Ateneu* (Pompéia, 1996) é um divisor de águas, sobretudo porque “[...] materializa uma crítica ao modelo educacional autoritário, perverso e viciado, presente na sociedade da época narrada na obra”. Com uma avaliação semelhante, Carvalho e Carvalho (2008, p. 55) afirmam que esse romance “[...] se constitui em documento lapidar das contradições educacionais que permeavam não apenas o mundo rural brasileiro, mas também o espaço urbano carioca do final do século XIX”.

Essa obra retrata a conjuntura social e política de profundas mudanças no crepúsculo do século XIX, em que o Rio de Janeiro era a capital do Império já moribundo em virtude das sucessivas contradições e transformações sociais, quais sejam: o crescimento populacional desordenado, a falta de moradias e as condições insalubres dos cortiços e dos morros, gerando crises epidêmicas e o aumento da criminalidade; a pressão pela proclamação da República (Carvalho; Carvalho, 2008); a Revolução Industrial em curso na Europa tensionando a diversificação e a qualificação das mercadorias brasileiras, cujo modelo de produção rural monocultora realizada pelo trabalho escravo, tornava-se obsoleto e pouco lucrativo (Galuch; Sforini, 1992).

A escola modelo representada por Pompéia é uma instituição privada, elitista, para meninos e organizada em regime de internato, cujo objetivo é o de preparar os futuros dirigentes da sociedade brasileira, em outros termos, os filhos da pequena burguesia em ascensão, responsáveis pelo processo de industrialização do país (Galuch; Sforini, 1992). É nessa instituição, concebida como “[...] o grande colégio da época” (Pompéia, 1996), que o personagem principal do enredo, o menino Sérgio, de 11 anos, é matriculado pelo pai com o intuito de receber uma formação exemplar. De fato, o educandário

[...] visto de fora ostenta uma aparência austera, digna, respeitável. Sob o seu teto, porém Sérgio aos poucos descobre a sua real face, aquela que se esconde ao primeiro olhar. Todas as mazelas sociais estão ali presentes: a hipocrisia e a opressão, mais que todas (Carvalho; Carvalho, 2008, p. 62).

O Ateneu pode ser sintetizado como uma obra de denúncia à hostilidade do ambiente escolar da época. Nesse sentido, vários trabalhos se debruçam sobre a análise dessa narrativa ficcional.

Santos e Marchi (2013) analisam os dispositivos de poder desse romance, utilizando as contribuições de Bourdieu e de Foucault. Miskolci e Balieiro (2011) refletem sobre as intersecções entre o autor e o personagem central da obra, sob a ótica da relação entre política, sexualidade e discriminação. Em uma perspectiva de associação entre literatura pessoal e literatura de testemunho, Lucas (2012) se ocupa da investigação sobre a vinculação da vida pessoal de Pompéia com a sua obra-prima, *O Ateneu*.

Galuch e Sforzi (1992) concluem que as contradições apresentadas pela escola não se dissociam dos problemas de uma escala social mais ampla, portanto a capacidade de a escola combater as mazelas sociais, é bastante restrita. Carvalho (2019) analisa o caráter violento e opressivo do ambiente escolar, representados na literatura brasileira, da qual *O Ateneu* é o objeto de pesquisa mais expressivo. A problematização do projeto pedagógico e educacional brasileiro do fim do século XIX pela análise de *O Ateneu* foi o objetivo do trabalho de Carvalho e Carvalho (2008).

Cruz e Cortina (2022) cotejam os artifícios coercitivos do ambiente de *O Ateneu* com as diretrizes das escolas cívico-militares, revelando vestígios negativos do passado. A problematização da narrativa de *O Ateneu* sob a ótica do *bullying* é realizada por Coringa, Gomes e Moreira (2013), não obstante essa pesquisa não delimitou as diferenças entre o *bullying* e o preconceito, duas formas de violência escolar. Dessa forma, discutiremos alguns aspectos importantes do *bullying* e do preconceito que nos darão subsídios para analisarmos as situações de violência de *O Ateneu*, demarcando e refletindo sobre os casos de *bullying* retratados na obra.

Violência escolar: *Bullying* e preconceito

A violência é “[...] um fenômeno humano de todas as épocas e lugares” (Rossi, 2008, p. 90), que permeia o trajeto histórico das instituições escolares. À medida que a educação formal se universaliza, os episódios de violência levados a cabo em seus entornos foram amplificados, o que pode ser percebido por uma série de suicídios e de assassinatos em escolas de diversos países, tais como: Estados Unidos da América; Canadá; Alemanha; Japão; Brasil e Argentina (Fante, 2005). Essas mortes não ocorreram exclusivamente em virtude

das relações sociais que se travaram no ambiente escolar, mas esse desfecho trágico certamente foi influenciado pelas formas de convivência estabelecidas nos espaços formais de educação (Costa; Miranda, 2020), porque os alvos de *bullying* costumam relatar que sentem ódio e o desejo de vingança sobre os que os violentam (Crochick; Crochick, 2017).

Mormente porque o sofrimento causado pelo *bullying* incide na baixa autoestima, na insônia, no isolamento social, na ansiedade, na depressão e, no limite, pode desencadear o desejo de morte. Os perpetradores das agressões tendem a manifestar dificuldades de socialização, por sua ânsia de dominar seus pares, e estão inclinados a ações criminosas ao longo da vida, devido à indisposição ao cumprimento de regras sociais (Chaves; Souza, 2018).

Os desdobramentos do *bullying* o colocam como uma séria questão de saúde pública (Mello *et al.*, 2017; Monteiro *et al.*, 2017; Santos *et al.*, 2020), sobretudo porque quase um terço dos estudantes da maioria dos países do mundo sofrem com esse tipo de violência (UNESCO, 2019) e porque os próprios profissionais da educação também são acometidos por esse problema (De Wet; Jacobs, 2021), uma vez que a violência escolar não se limita às relações horizontais e assimétricas de poder entre os estudantes (Ferber, 2023). Na década de 1970, os estudos sobre o *bullying* foram impulsionados, tendo Dan Olweus como um dos primeiros pesquisadores a delimitar os critérios para diferenciar o *bullying* das demais formas de violência (Fante, 2005).

O *bullying* se caracteriza como um comportamento agressivo, que pode envolver vários tipos de violência: física, verbal, sexual, simbólica e virtual, caracterizadas pela sistematicidade, repetição e ausência de motivação explícita, evidenciando o objetivo de destruição por parte de um indivíduo ou de um coletivo de pessoas em relação a sujeitos com pouca capacidade de reação aos ataques (Antunes; Zuin, 2008).

As investigações sobre o *bullying* escolar denotam que esse tipo de hostilidade ocorre nos diferentes níveis de escolaridade e tem um importante impacto na qualidade do ensino e da aprendizagem das escolas brasileiras. Alunos de escolas com altos índices de *bullying* são mais suscetíveis à evasão e ao registro de 20 pontos a menos, nas avaliações de Ciências do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), em relação aos estudantes de instituições com níveis mais baixos de violência (Silva *et al.*, 2019). No ano de

2015, um levantamento demonstrou que o *bullying* estava presente em 28% das escolas do Brasil. Esse índice é expressivo quando cotejado aos de outros países, como Estados Unidos (24,5%), Itália (19,6%), Espanha (17,4%), Israel (15,1%) e Suécia (9,7%) (Mello *et al.*, 2017). Em comparação com Portugal, os estudantes brasileiros apresentam maior vulnerabilidade para o envolvimento em episódios de *bullying* (Zequinão *et al.*, 2019).

O conhecimento é essencial para o combate à violência escolar. Nesse sentido, a delimitação do perfil dos envolvidos nos casos de *bullying*, é indispensável. De forma geral, uma situação de *bullying* envolve o agressor, a vítima e o observador; cada um desses perfis pode englobar mais de uma pessoa. Como as vítimas, geralmente, são frágeis para se defenderem, a atuação dos observadores pode ser importante na dissolução da violência flagrante (Gouveia, 2011), todavia as pesquisas sobre as relações mediadas pelas testemunhas do *bullying* escolar são escassas (Albuquerque; Maciel, 2022).

Os perfis dos estudantes e a forma com que se relacionam são influenciados pela dupla hierarquia escolar. Oficialmente, o desempenho acadêmico, aferido por notas em avaliações dos componentes curriculares de sala de aula, constitui-se como um polo hierárquico. O outro polo é erigido pela hierarquia não oficial, cujas qualidades são o desempenho físico, especialmente em atividades que exigem força corporal (Adorno, 2006b). Para o autor, há uma propensão ao rancor e à hostilidade dos representantes do topo da segunda hierarquia para com os representantes da hierarquia oficial, entretanto Adorno (2006b) não foi contemporâneo das investigações sobre o *bullying*.

Os autores do *bullying* costumam pertencer ao topo da escala não oficial e à base da ordem oficial; os alvos tendem a ser invisibilizados pela incapacidade de demonstração de poder e a compor as bases dos dois polos da hierarquia escolar. Os observadores, comumente, ocupam um espaço intermediário entre as duas escalas. Não raramente, a frieza e a indiferença os identificam os agressores, mesmo porque podem se transformar nos próximos alvos. A possibilidade de os observadores se identificarem com as vítimas aumentam as chances de intervenção nas situações de agressão (Galuch *et al.*, 2020).

De acordo com Crochick e Crochick (2017), o fato de não haver importante correlação entre estar no topo da hierarquia oficial e ser vitimado pelo

bullying, nega a conclusão de Adorno (1903-1969), de que pertencer ao topo da hierarquia oficial, predispõe à vitimização pelo ressentimento dos que pouco incorporaram a cultura. Talvez os alunos com bom desempenho nos estudos possam ser respeitados por demonstrarem poder na apropriação de conhecimentos. Os autores indicam que a internalização da cultura, mediante a escolarização, pode contribuir para o combate a essa forma de violência.

Antiteticamente, o próprio estabelecimento de hierarquias entre os estudantes no interior da escola, fomenta as relações de competição e de dominação, corroborando para a coisificação da violência (Duboc *et al.*, 2021). Dessa maneira, a irracionalidade institucional, manifesta a irracionalidade da estrutura social (Adorno, 2008).

Uma vez que a violência irracional está atrelada à debilidade da constituição psíquica de seu autor, Crochík (2015, p. 40) assinala que a vulnerabilidade dos alvos “[...] lembraria aos mais fortes sua própria fragilidade, sua própria submissão, que devem ser negadas, o que implica que o *bullying* é também autodominação”. Notadamente, o *bullying* se remete a uma violência cujo alvo é difuso, pois há somente o desejo de sobrepujar o mais frágil; não há justificativa, mesmo que distorcida da realidade. Com relação ao preconceito, outra forma de violência escolar, o alvo está delimitado e há uma justificativa fantasiosa para o ataque, contudo a autodominação também se faz presente.

Grosso modo, *bullying* e preconceito são fenômenos específicos que em determinados momentos podem estar interligados; os alvos de ambas as formas de agressão têm possibilidades limitadas de se defenderem; os diferentes tipos de violência podem incidir sobre o mesmo alvo, em momentos distintos; o que os difere são os motivos de quem os agride. Contudo, “[...] no caso do preconceito, mesmo indivíduos frágeis podem desenvolvê-los e a discriminação ocorrer de maneira mais sutil” (Crochick; Crochick, 2017, p. 28).

O preconceito expressa a necessidade psíquica de o indivíduo projetar em suas vítimas sentimentos, pensamentos e características que não aceita em si mesmo. Ou seja, os atributos idealizados pelo agressor não correspondem à realidade; ele se vale da estereotipia atribuída a indivíduos pertencentes a grupos sociais estigmatizados como, por exemplo, “a avareza dos judeus”; “a corrupção da tradição familiar pelos homossexuais”; “a preguiça dos negros”

etc. Sobre essa questão, Adorno (2019, p. 426) exemplifica: “[...] o caráter potencialmente fascista culpa os pobres que precisam de ajuda justamente da mesma passividade e ganância que ele aprendeu a não admitir em sua própria consciência”. No que se refere à violência perpetrada pelo *bullying*, é ausente a justificativa (Crochík, 2015), portanto no “[...] *bullying*, só há o desejo de destruição, não mais o de identificação.

Neste sentido, [...], o *bullying* satisfaz necessidades psíquicas mais primitivas do que o preconceito” (Crochick; Crochick, 2017, p. 31). Ao preconceito não se pode atribuir positividade, mas os autores de *bullying*, tendencialmente, apresentam personalidade de base narcisista, indicando maior regressão psíquica, em relação à personalidade do indivíduo preconceituoso, na qual predomina os traços sadomasoquistas (Crochík, 2015).

A compreensão do preconceito e do *bullying* demanda a noção de que essas formas de violência mantêm um estreito vínculo com a estruturação da consciência e da personalidade que, por conseguinte, são expressões das relações sociais objetivas. Logo, alterações na realidade objetiva social implicam em mudanças na constituição da subjetividade humana (Adorno, 2015).

Nos tempos do capitalismo concorrencial, a ideologia apresentava-se, ao mesmo tempo, falsa e verdadeira. Verdadeira porque os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, eram mais exequíveis; falso porque o sistema capitalista impede a concretização da humanidade. Atualmente, a ideologia contemporânea, sustentada pelo capitalismo monopolista, cuja característica central é a ausência da liberdade de concorrência, ou seja grande parte da população não tem a possibilidade de vender a sua força de trabalho, denota o esmorecimento de importantes instituições sociais formativas, como a família, a escola, a religião etc., sinalizando um maior tolhimento da liberdade em consequência da padronização de pensamento imposta pela indústria cultural (Crochick, 2017; 2021; Crochick; Crochick, 2017).

Quanto mais a sociedade se desenvolve, menos são as possibilidades de individuação, como apresenta Crochick (2017, p. 52):

Diferentemente da época do iluminismo, que apostava em uma sociedade racional com indivíduos racionais, a atual traz uma racionalidade que suscita a irracionalidade individual: o sacrifício do pensamento que, por sua vez, leva à irritação com o pensamento que duvida.

O acirramento da contradição entre o potencial e os limites de emancipação humana concorrem para a ampliação da irracionalidade individual (Horkheimer; Adorno, 1956; Marcuse, 2004), assim como deturpa a experiência e a crítica no tempo presente. Dessa forma, o *bullying* e o preconceito coexistem e se relacionam, mas apresentam elementos que os caracterizam como fenômenos distintos e, por isso, exigem também maneiras particulares para combatê-los (Crochík, 2015).

A violência escolar sinaliza que a frieza perpassa a não identificação com o outro e demonstra, de certa forma, os efeitos da pseudoformação e do aniquilamento da experiência. A cultura é o alicerce da constituição da individualidade; o conhecimento é fundamental para a compreensão pelo sujeito, do potencial e dos limitadores da sociedade calcada na dominação de uns por outros (Adorno, 1996).

Não obstante, na sociedade contemporânea a cultura tenha se tornado mercadoria, nela ainda está contida a possibilidade de desvelar o movimento da sociedade e, conseqüentemente, que ela pode ser estruturada desprovida da dominação como centralidade das relações sociais (Galuch; Crochick, 2018).

Para os estudiosos da Escola de Frankfurt, refletir criticamente sobre a transformação da cultura em pseudocultura é imprescindível para a permanência da própria cultura. Dito de outra forma, o pensamento deve ser constantemente vigilante sobre o conteúdo do que se pensa (Adorno, 1972, 1992). Para isso, é preciso superar as perspectivas pseudoformativas, quais sejam, a apropriação da cultura para a adaptação e a internalização cultural desinteressada (Galuch; Crochick, 2018).

Com o objetivo de extrapolar os modelos pseudoformativos, Adorno (2006a) defende a educação política, visando a não repetição de Auschwitz. A educação política não se restringe à escola, ou a sindicatos e a partidos políticos; demanda a reflexão sobre as possibilidades de o indivíduo emancipar-se; libertando-se de toda forma de heteronomia. Dessa maneira, é imprescindível a elaboração do passado, compreendido como o processo de rememoração das injustiças, fazendo emergir o sofrimento que foi esquecido, naturalizado ou silenciado. A elaboração do passado exige a expressão rigorosa de nomeação dos objetos, o que inclui a precisa definição e conceituação.

É com essa intenção que buscamos analisar os incidentes de violência que perpassam as representações de *O Ateneu*.

O Ateneu: Violência vertical, preconceito e bullying

A compreensão das ações de violência que ocorrem em *O Ateneu* passa pela reflexão sobre os objetivos formativos dessa instituição escolar. Mesmo que as boas notas em disciplinas de sala de aula sejam valorizadas formalmente, sobretudo com prêmios aos melhores alunos, a formação moral se sobrepõe à instrução dos conhecimentos sistematizados, como podemos verificar nas palavras de Aristarco, o diretor do colégio e complementadas pelo narrador e protagonista, Sérgio:

‘Ah! meus amigos, conclui ofegante, não é o espírito que me custa, não é o estudo dos rapazes a minha preocupação... É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade!’ Aristarco tinha para esta palavra uma entonação especial, comprimida e terrível, que nunca mais esquece quem a ouviu dos seus lábios. ‘A imoralidade!’ (Pompéia, 1996).

Defesa semelhante é apresentada pelo Dr. Cláudio, um dos professores de Sérgio: “Ilustrar o espírito é pouco; temperar o caráter é tudo. É preciso que chegue um dia a desilusão do carinho doméstico. Toda a vantagem em que se realize o mais cedo” (Pompéia, 1996). Percebemos que há um antagonismo entre a educação familiar cercada de carinhos e de proteção e o internato, que visa a preparação para as agruras da vida, pois “[...] o exercício moral não vem das belas palavras de virtude, mas do atrito com as circunstâncias” (Pompéia, 1996). Nesse cenário de apologia à formação do caráter baseada na força e na indiferença com relação ao sofrimento próprio e alheio, preceitos da instituição militar eram incorporados à rotina dos alunos, a exemplo dos extenuantes exercícios de marcha.

Voltávamos de um dia alegre como soldados batidos. A ordem de marcha decom pôs-se aos poucos. Quando chegamos ao Rio Comprido, íamos por bandos dispersos, arquejantes, os de maior fôlego na vanguarda; depois, em cauda interminável de alquebramento, os mais fracos, até aqueles que ficavam pelo chão como enfermos, e que os inspetores buscavam como gado perdido (Pompéia, 1996).

O espírito militar flerta com princípios eugênicos. Esse elemento é expresso pelo professor Dr. Cláudio: “Morte aos fracos! Alcançando a bandeira negra do darwinismo espartano, a civilização marcha para o futuro, impávida, temerária, calcando aos pés o preconceito artístico da religião e da moralidade” (Pompéia, 1996). Para Adorno (2019), muitas vezes, o slogan darwiniano de aptidão para a sobrevivência é utilizado com o intuito de justificar racionalmente a violência bruta. Por conseguinte, o desenvolvimento da virilidade se contrapõe às demonstrações de certos sentimentos, supostamente incompatíveis com a formação do caráter almejado pela instituição escolar. Essa questão é exposta pelo pai de Sérgio, em uma carta enviada de Paris, ao filho: “O futuro é corruptor, o passado é dissolvente, só a atualidade é forte. Saudade, uma covardia, apreensão outra covardia” (Pompéia, 1996).

Esse conselho recebido por Sérgio, já no final do período de internato, coaduna com o aviso dado por seu pai, no dia em que foi deixado ao Ateneu: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta” (Pompéia, 1996), porque “O internato com a soma dos defeitos possíveis é o ensino prático da virtude, a aprendizagem do ferreiro à forja, habilitação do lutador na luta” (Pompéia, 1996). As letras de *O Ateneu*, comprovam que “a luta”, muitas vezes, não foi uma simples metáfora.

Não obstante ao ambiente agressivo de *O Ateneu*, Sérgio afirma que “[...] não havia expressamente punições corporais” (Pompéia, 1996). Curiosamente, também não há menção ao uso da palmatória e dos populares “bolos”, como descrevem várias obras literárias contemporâneas ou posteriores ao *O Ateneu*, tais como: *Memória de um Sargento de Milícias* (Almeida, 2011); *Casa de Pensão* (Azevedo, 2013); *Conto de Escola* (Assis, 2021) e *Doidinho* (Rego, 2018).

Compreendemos que, formalmente, no Ateneu não era prevista a punição por violência física, efetuada diretamente por funcionários da instituição escolar aos alunos. O que não significa a ausência de castigos corporais e até mesmo de agressões físicas não oficiais, tendo os alunos como alvos. Esse tipo de agressão é abundante no colégio e a nomeamos como violência vertical descendente, inclusive com situações em que os funcionários também tornam-se alvos de agressões, nesse caso a denominação passa a ser violência vertical ascendente.

Um caso emblemático de violência vertical descendente é o de Franco, um garoto franzino, introspectivo e com baixo desempenho nos estudos. Frequentemente, era obrigado a escrever por horas em diversas páginas do caderno, ficar em pé de frente à parede ou de joelhos como forma de punição por algum delito cometido. Nessas ocasiões de humilhação pública, comumente, alguns colegas o insultavam e o agrediam fisicamente. Certa vez, Franco foi enviado para uma espécie de prisão solitária.

Embaixo da casa. Fazia-se entrada pelo saguão cimentado dos lavatórios; sentia-se uma impressão de escuro absoluto; para os lados, a distância, brilhavam vivamente, como olhos brancos, alguns respiradouros gradeados daquela espécie de imensa adega. O chão era de terra batida, mal enxuta. Impressionava logo um cheiro úmido de cogumelos pisados. Com a meia claridade dos respiradouros, habituando-se a vista, distinguia-se no meio uma espécie de gaiola ou capoeira de travessões fortes de pinho. Dentro da gaiola um banco e uma tábua pregada, por mesa. Sobre a mesa um tinteiro de barro. Era a cafua.

Engaiolava-se o condenado na amável companhia dos remorsos e da execração; ainda em cima, uma tarefa de páginas para a qual o mais difícil era arranjar luz bastante. De espaço a espaço, galopava um rato no invisível; às vezes vinham subir às pernas do condenado os animaizinhos repugnantes dos lugares lóbregos. À soltura surgia o preso, pálido como um redivivo, espantado do ar claro como de uma coisa incrível. Alguns achavam meio de voltar verdadeiramente abatidos (Pompéia, 1996).

Franco, possuidor de uma saúde frágil, faleceu algumas semanas depois de deixar a cafua. Apesar de esse incidente fatídico poder ter sido influenciado pela clausura em um ambiente insalubre e hostil, segundo Sérgio, “A mais terrível das instituições do Ateneu não era a famosa justiça do arbítrio, não era ainda a cafua, asilo das trevas e do soluço, sanção das culpas enormes. Era o Livro das notas” (Pompéia, 1996).

As informações contidas neste livro eram lidas publicamente por Aristarco todas as manhãs, de forma a exaltar alguns alunos, humilhando e estigmatizando outros. Inclusive, há relatos de que o diretor batia com o livro nas costas de alguns alunos e que segurava outros pelo pescoço, de maneira que o rosto da criança fosse dirigido para o coletivo discente, como um sinal de reconhecimento da vergonha. Nesse caso, o desempenho escolar estava associado à força; o que é bem diferente da apropriação do conhecimento

para que a própria violência irracional pudesse ser criticada, como no caso do preconceito à homossexualidade.

A suposição de que alguns alunos tinham inclinações homossexuais também incitava o diretor à exposição vexatória e pública dos envolvidos, caracterizando uma atitude preconceituosa, pois não se admitia um comportamento sexual que destoasse do padrão heteronormativo.

‘Levante-se, Sr. Cândido Lima!’

‘Apresento-lhes, meus senhores, a Sr.a D. Cândida’, acrescentou com uma ironia desanimada.

‘Para o meio da casa! e curve-se diante dos seus colegas!’ Cândido era um grande menino, beijudo, louro, de olhos verdes e maneiras difíceis de indolência e enfado. Atravessou devagar a sala, dobrando a cabeça, cobrindo o rosto com a manga, castigado pela curiosidade pública (Pompéia, 1996).

Segundo Adorno (2019), as hostilidades aos supostos transgressores dos padrões sexuais podem sugerir que os desejos sexuais dos agressores estejam sendo reprimidos em virtude do risco de descontrole, em suma, a violência é direcionada a uma vítima cuja característica pode estar latente no próprio agente da violência.

Às humilhações públicas, somam-se alguns episódios de violência física direta perpetrada contra os alunos e contra os funcionários do colégio. Uma das situações é a da inspetora do dormitório das crianças, cujo beliscão era o único mecanismo disciplinar que impunha aos alunos. Outro caso se refere a um estudante que teve dentes quebrados em virtude de ter se chocado contra um registro de gás, após ser empurrado pelo professor Venâncio. Sérgio também foi imobilizado com violência e xingado por Aristarco, mas revidou ao ataque, agarrando e puxando com força os bigodes do diretor. Em uma outra situação, inspetores foram alvejados por goiabas pelos alunos como forma de protesto contra a má qualidade da comida, além de, em outros momentos, os alunos sujarem e desorganizarem propositalmente as instalações escolares.

A violência vertical descendente, cujos principais agentes são os adultos responsáveis pelo ensino e os alvos são os alunos, é influenciada em grande medida pela estrutura social imperial e escravocrata. Em outros termos, a autoridade da escola pela força era aceita socialmente, como podemos verificar em um excerto de Casa de Pensão: “Os pais ignorantes, viciados pelos costu-

mes bárbaros do Brasil, atrofiados pelo hábito de lidar com escravos, entendiam que aquele animal era o único professor capaz de ‘endireitar os filhos’” (Azevedo, 2020, p. 22). Essa citação se refere a um professor conhecido por sua agressividade física e gratuita aos estudantes, portanto valorizado como bom docente, apesar de ser igualado a “um animal”.

Depreendemos que a própria existência da escravidão expressa o nível de barbárie da sociedade brasileira que *O Ateneu* retrata. A representação de um mestre escolar, exposta pelo professor Venâncio, demonstra uma relação de subserviência e de tutela do aluno com relação ao professor: “Acima de Aristarco — Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus — Aristarco” (Pompéia, 1996). A necessidade de culto a líderes, sinalizando uma necessidade de tutela e de heteronomia, indica a fragilidade da personalidade, pois: “Os símbolos dos poderes são extraídos//do imaginário de um pai severo a quem se ‘olha de baixo para cima’” (Adorno, 2019, p. 370).

Em todo caso, a escola atual, situada em um modelo democrático formal, apesar de seus limites, avançou ao abolir formalmente os castigos corporais cometidos contra os alunos, abrindo possibilidades para que as relações hierárquicas sejam superadas racionalmente, pela introjeção da autoridade do conhecimento do docente pelos alunos (Marcuse, 1978).

Quando o conhecimento é ausente ou escasso, a representação rigorosa do objeto é substituída pela estereotipia que erige o preconceito. Em outras palavras, “[...] o preconceito, de acordo com o seu conteúdo intrínseco, não é relacionado senão superficialmente, talvez nem isso, com a natureza específica de seu objeto (Adorno, 2019, p. 254).

Em *O Ateneu*, ficou evidenciado apenas uma motivação desencadeadora de atitudes preconceituosas. Essas situações se remetem à homossexualidade. Nesse sentido, um dos exemplos foi a vergonhosa exposição pública de Cândido, por Aristarco, relacionada anteriormente com a violência vertical. Sérgio também foi alvo dessa forma de preconceito por um aluno que o importunava muito, Barbalho, quando este informou Bento que, por sua vez, testemunhou a Sérgio que “[...] o Malheiro não passa pelo Sérgio que não pergunte quando é o casamento... é preciso casar... Ainda hoje pediu convite para as bodas (Pompéia, 1996). Esse tipo de situação se repetiu quando Sérgio passeava a sós pelo gramal com Egbert, colega de muito apreço e per-

cebia que “[...] ia longe o burburinho de alegria vulgar dos companheiros!” (Pompéia, 1996).

A comparação quantitativa dos casos de violência analisadas nas representações de *O Ateneu* demonstram que o preconceito é a forma de violência menos recorrente. Isso talvez se deva ao fato de o contexto escolar em que a obra é retratada ser pouco heterogênea com relação à diversidade dos estudantes, pois havia o predomínio de meninos de famílias abastadas, com poucos estudantes bolsistas que destoavam do restante do corpo discente, basicamente pelas questões de ordem econômica. Enfim, o fato de o preconceito não ser tão expressivo, pode indicar que ele esteja latente (Adorno, 2019).

Com relação aos casos de *bullying*, podemos identificar, basicamente, três alvos e dois agentes desse tipo de violência, em *O Ateneu*. No entanto, é preciso lembrar que um único aluno pode desempenhar mais de um papel nas relações de *bullying* (Matos *et al.*, 2020). Esse intercâmbio de papéis é percebido quando Sérgio, mesmo sendo alvo de inúmeras agressões, compõe um grupo de alunos que hostilizam Rômulo, por seu excesso de gordura corporal: “A uma das vaias estive presente. Rômulo marcou-me” (Pompéia, 1996). Às vezes, quando a ação de violência ocorre em grupo, pode ser que os agentes das agressões sejam, individualmente, mais fracos fisicamente do que a vítima, como é o caso de Sérgio em relação a Rômulo. Por sua vez, os alvos podem apresentar diferentes tipos de comportamento, tais como: tentativa de autodefesa; indiferença; pedido de ajuda; choro; ausência nas aulas etc (Schultz *et al.*, 2012).

Barbalho e Sanches são os principais agentes. Barbalho apresenta baixo rendimento nos estudos e comportamento agressivo. Sanches é forte e violento, com a ressalva de ter um bom desempenho acadêmico. No que se refere aos alvos do *bullying*, Sérgio e Franco são pequenos e fracos. Rômulo não é fraco fisicamente, mas por ser obeso, seu desempenho físico é comprometido. Rômulo, “[...] uma besta, grandalhão, último na ginástica pela corpulência bamba, último nas aulas” (Pompéia, 1996).

Sobre a constituição física de Sérgio, duas passagens são elucidativas: uma, quando ele chegou ao Ateneu e foi aconselhado por Aristarco a cortar os cabelos para parecer “mais viril”; outra, quando Dona Ema, esposa de Aristarco, fica sabendo que Sérgio tem 11 anos e avalia que a sua constituição física aparenta a de uma criança de seis anos.

Em relação ao desempenho acadêmico, Sérgio é mediano; Rômulo é um aluno pouco expressivo; já Franco é estigmatizado como um dos piores alunos. No que concerne aos observadores das situações de *bullying*, não há descrições pomenorizadas, não obstante, a mensagem aos delatores é clara: “Não denunciar nunca é preceito sagrado de lealdade no colégio” (Pompéia, 1996). Ou seja, um dos motivos para o silêncio sobre a violência é não se tornar a próxima vítima.

O perfil dos envolvidos no *bullying*, como tendência, segundo as pesquisas atuais, é de que os alvos sejam pertencentes às bases das duas escalas hierárquicas e os agentes sejam representantes do topo da hierarquia não oficial e da base da hierarquia oficial (Galuch *et al.*, 2020; Crochick; Crochick, 2017). Apesar da distância temporal entre o contexto histórico de *O Ateneu* e o da atualidade, os envolvidos no *bullying* apresentam características similares que podem ser percebidas quando os casos de *bullying* ocorridos no Ateneu são descritos.

Como já exposto, os principais alvos de *bullying* são Rômulo, Sérgio e Franco. Rômulo sofria com as agressões verbais, geralmente realizadas por um grupo de alunos, motivadas por sua aparência física:

No decorrer enfadonho das últimas semanas, foi Rômulo escolhido, principalmente, para expiatório do desfastio. Mestre cook! via-se apregoadado por vozes fantásticas, saídas da terra; mestre cook! por vozes do espaço, rouquenhadas ou esgançadas. Sentava-se acabrunhado, vendo se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida; a unanimidade impressionava. Mais freqüentemente, entregava-se a acessos de raiva. Arremetia bufando, espumando, olhos fechados, punhos para trás, contra os grupos. Os rapazes corriam a rir, abrindo caminho, deixando rolar adiante aquela ambulância danada de elefantíase (Pompéia, 1996).

Diferentemente de Rômulo, cujas agressões sofridas eram predominantemente verbais, Sérgio era vítima de diferentes formas de *bullying*. No primeiro excerto, as agressões físicas e verbais foram realizadas por Sanches, no segundo, o autor foi Barbalho.

Sanches, rancoroso, perseguia-me como um demônio. Dizia coisas imundas. ‘Deixa estar, jurava entre dentes, que ainda hei de tirar-te a vergonha.’ Na qualidade de vigilante levava-me brutalmente à espada. Eu tinha as pernas roxas dos golpes; as canelas me incharam.

[...].

O endemoninhado caolho puxava-me a roupa, esbarrava-me encontrões e fugia com grandes risadas falsas, ou parava-me de súbito em frente, e revestindo-se de quanta seriedade lhe era suscetível o açafão da cara, perguntava: “Mudas as calças?” Um inferno (Pompéia, 1996).

Outro episódio de violência física sofrido por Sérgio ocorreu durante os banhos na piscina do colégio. Por duas vezes, em dias diferentes, tentaram afogá-lo.

Mal tinha eu entrado, senti que duas mãos, no fundo, prendiam-me o tornozelo, o joelho. A um impulso violento cai de costas; a água abafou-me os gritos, cobriu-me a vista. Senti-me arrastado. Num desespero de asfixia, pensei morrer. Sem saber nadar, vi-me abandonado em ponto perigoso; e bracejava, à toa, imerso a desfalecer, quando alguém me amparou (Pompéia, 1996).

Nesses dois momentos de angústia, Sérgio foi ‘salvo’ por Sanches, mas depois percebeu que o autor da violência e o seu salvador poderiam ser a mesma pessoa, com a intenção de violentá-lo sexualmente, fato que, pelo visto, não era incomum no Ateneu, como evidencia os conselhos de Rebelo a Sérgio.

‘Viu aquele da frente, que gritou calouro? Se eu dissesse o que se conta dele... aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores... Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se. ‘Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores’ (Pompéia, 1996).

Após Sanches se colocar como protetor de Sérgio, iniciou a tentativa de abuso sexual, como se o segundo fosse um objeto de propriedade do primeiro.

A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto

com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Volvia novamente às expressões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo. Eu deixava tudo, fingindo-me insensível, com um plano de rompimento em idéia, embargado, todavia, pela falta de coragem. Não havia mal naquelas maneiras amigas; achava-as, simplesmente, despropositadas e importunas, máxime não correspondendo à mais insignificante manifestação da minha parte. [...]. Por um dia de muito calor, acabava ele de enunciar como um padre uma página de religião, os diversos atos de Contrição, de Atrição, de Fé, de Esperança, de Caridade, quando propôs que eu lhos repetisse sentado aos seus joelhos. [...]. Às vezes a minha resistência passiva desapontava o preceptor. Ele encarava-me terrível, e como quem diz: ‘perde a proteção de um vigilante!’... (Pompéia, 1996).

Além da violência sexual, de agressões físicas e de violência simbólica, Sérgio teve uma grande frustração, pois rabiscaram um desenho que ele havia feito, em virtude de uma exposição artística.

Depois da distinção do curso primário, foi esta cabra o meu maior orgulho. Retocada pelo professor, que tinha o bom gosto de fazer no desenho tudo quanto não faziam os discípulos, a cabra tibetana, meio metro de altura, era aproximadamente obra-prima. Ufanava-me do trabalho. Não quis a sorte que me alegrasse por muito. Negaram-me à bela cabra a moldura dos bons trabalhos; ainda em cima — considerem o desespero! Exatamente no dia da exposição, de manhã, fui encontrá-la borrada por uma cruz de tinta, larga, de alto a baixo, que a mão benigna de um desconhecido traçara. Sem pensar mais nada, arranquei à parede o desgraçado papel e desfiz em pedaços o esforço de tantos dias de perseverança e carinho (Pompéia, 1996).

Apesar de todo o sofrimento de Sérgio, havia alguém mais vulnerável à dominação; era Franco. Um aluno que sofria cotidianamente com os castigos da violência vertical, ao mesmo tempo em que era alvo de *bullying*. O desprezo e a indiferença a que Franco era submetido fizeram Sérgio se compadecer de sua angústia e por compartilharem dores semelhantes, tornaram-se amigos. A aproximação de Sérgio a Franco foi criticada, sublinhando o grau de frieza a que Franco era submetido: “-Como tem descido Sérgio, lastimavam os inspetores, palestrando a ordem do dia com o diretor, é o íntimo do Franco” (Pompéia, 1996).

A condição permanente de humilhação de Franco o fez pensar em diferentes formas de se vingar das pessoas que o violentavam. Em um primeiro momento, imaginou os colegas comendo em pratos lavados com buchas embebidas na sua urina.

Franco, no domingo da véspera, aproveitando a largura da vigilância no dia vago, fora vadiar ao jardim. E para tomar água de um poço aí existente, cuja bomba não funcionava em regra, deliberou, imaginem! umedecer a bucha aspiradora com um líquido que Moisés seria capaz de obter no árido deserto, sem milagre mesmo e sem Horeb. Agora considerem que o referido poço fornecia água para a lavagem dos pratos (Pompéia, 1996).

Em outra situação, dessa vez com o apoio relutante de Sérgio e tomado de raiva por ter sido ferido na cabeça por um aluno, quebrou várias garrafas de vidro e jogou os estilhaços na piscina. Contudo, as duas tentativas de vingança foram frustradas e a punição foi redobrada.

Percebemos que o desejo de vingança de Franco é uma forma de reprodução da violência que sofreu e que as consequências só não foram mais desastrosas devido ao menor acesso das pessoas a armas letais, ao contrário do que ocorre atualmente com as notícias de suicídios e de homicídios coletivos, em ambiente escolar.

Considerações finais

A violência exposta em *O Ateneu*, basicamente, pode ser tipificada de três maneiras: violência vertical; preconceito e *bullying*. Com relação à violência vertical efetuada contra os alunos, inferimos que a sociedade escravocrata brasileira tinha um maior nível de tolerância à violência, por isso essa situação difere negativamente da organização escolar atual. Ao mesmo tempo, levantamos a hipótese de que a violência canalizada pelos estudantes, ao menos parcialmente, tenha origem nas agressões sofridas por parte de seus superiores hierárquicos.

Sobre o preconceito, percebemos que, tendo em vista a pouca heterogeneidade do corpo discente, sobretudo por retratar a sociedade do fim do século XIX, a motivação que se destaca para a violência realizada pelos sujeitos preconceituosos foi a homossexualidade.

Em comparação ao preconceito, os casos de *bullying* foram mais frequentes. Apesar de as pesquisas sobre o *bullying*, no Brasil, terem sido iniciadas pouco mais de um século após a publicação original da obra literária analisada, observa-se que esse problema já ocorria no contexto escolar brasileiro, pois parte das formas de agressão descritas foram intencionais, repetitivas, desencadeadas pelo desejo de destruição do outro, sem motivo aparente e os alvos, geralmente, eram mais frágeis do que os autores. O *bullying* existe desde os primórdios da escola, mas o seu estudo ocorreu quando grande parcela da sociedade começou a frequentá-la, acentuando no ambiente escolar, os conflitos oriundos da estrutura social contraditória.

Nesse sentido, a análise dos episódios de violência descritos em *O Ateneu*, especialmente os casos de *bullying*, concorre para a elaboração do passado, dando voz ao sofrimento que, por vezes, é negligenciado, atenuado ou esquecido.

O ATENEU: violência vertical, preconceito e *bullying* no final do século XIX

Resumo: O objetivo dessa pesquisa foi delimitar as situações de violência escolar relatadas na obra *O Ateneu* de Raul Pompéia, centrando-se na reflexão sobre os casos de *bullying*. O *bullying* existe desde os primórdios da escola, mas o seu estudo ocorreu quando grande parcela da sociedade começou a frequentá-la, acentuando no ambiente escolar, os conflitos oriundos da estrutura social contraditória. A despeito de as pesquisas sobre o *bullying*, no Brasil, terem sido iniciadas pouco mais de um século após a publicação original de *O Ateneu*, observa-se que esse problema já se fazia presente no contexto escolar brasileiro, pois parte das formas de agressão descritas nesta obra foram intencionais, repetitivas, desencadeadas pelo desejo de destruição do outro e, sem motivo aparente, e os alvos, geralmente, eram mais frágeis do que os autores. A análise das hostilidades descritas em *O Ateneu*, possibilita a elaboração do passado, dando voz ao sofrimento negligenciado, atenuado ou esquecido.

Palavras-chave: *O Ateneu*, violência escolar, violência vertical, preconceito, *bullying*.

THE ATHENAEUM: vertical violence, prejudice and bullying at the late of the 19th century

Abstract: The objective of this research was to narrow down the situations of school violence reported in the novel *The Athenaeum* by Raul Pompéia, focusing on reflection on cases of bullying. Bullying has existed since the beginning of the school, but its study took place at the time when a large part of society began to attend it, accentuating in the school environment, the conflicts arising from the contradictory social structure. Despite the fact that research on bullying in Brazil began just over a century after the original publication of *The Athenaeum*, it is observed that this problem was already present in the Brazilian school context. Some forms of aggression described in this work were intentional, repetitive, triggered by the desire to destroy the other and, for no apparent reason, and as a rule, the targets were more fragile than the authors. The analysis of the hostilities described in *The Athenaeum* enables the elaboration of the past, giving voice to neglected, attenuated, or forgotten suffering.

Keywords: *The Athenaeum*, school violence, vertical violence, prejudice, bullying.

EL ATENEO: violencia vertical, prejuicio y bullying a finales del siglo XIX

Resumen: El objetivo de esta pesquisa fue delimitar las situaciones de violencia escolar relatadas en la obra *El Ateneo* de Raul Pompéia, centrándose en la reflexión sobre casos de *bullying*. El *bullying* existe desde los inicios de la escuela, pero su estudio se dio en el momento en que gran parte de la sociedad comenzaba a frecuentarla, acentuándose en el ámbito escolar, los conflictos derivados de la contradictoria estructura social. A pesar de que la investigación sobre el *bullying* en Brasil comenzó poco más de un siglo después de la publicación original de *El Ateneo*, se observa que este problema ya estaba presente en el contexto escolar brasileño. Además de esto, parte de las formas de agresión descritas en este trabajo fueron intencionales, repetitivas, provocadas por el deseo de destruir al otro y, sin motivo aparente, y los blancos, por regla general, eran más débiles que los autores. El análisis de las hostilidades expuestas en *El Ateneo* hace posible la elaboración del pasado, dándole voz al sufrimiento ignorado, atenuado u olvidado.

Palabras clave: *El Ateneo*, violencia escolar, violencia vertical, prejuicio, *bullying*.

SOBRE OS AUTORES

Eduardo Borba Gilioli

Possui graduação em Educação Física pelas Faculdades Integradas de Fátima do Sul (1999), Pedagogia pela Unicesumar (2022), especialização em interdisciplinaridade na educação básica pelo IBPEX (2002), mestrado (2013) e doutorado (2020) em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Atuou como professor e coordenador do curso de licenciatura em educação física da Facinor (2010-2021), professor efetivo da secretaria de Estado da educação do Paraná (Educação Básica), professor do Colégio Loanda e professor conteudista da Unifatecie. E-mail: eduardoborbagilioli@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5356-6230>.

Maria Terezinha Bellanda Galuch

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (1988), especialização em metodologia do ensino pela Universidade Estadual de Maringá (1994), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (1996), doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Realizou estágio de Pós-doutorado no Instituto de Psicologia da USP (2013). Atualmente é professora Associada da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: aprendizagem, educação, ensino fundamental, ensino e aprendizagem, Teoria Crítica da Sociedade. E-mail: mtbgaluch@uem.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5154-9819>.

Cleonice Aparecida Raphael da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá-PR - Programa de Pós - Graduação em Educação, linha de Ensino, aprendizagem e formação de professores. Mestre (2017). Licenciada em História (2000) e Pedagogia (2014) pela mesma instituição. Professora Colaboradora do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Professora/Pedagoga na Educação Básica – Rede Municipal de Ensino de Maringá. E-mail: cleoraphael@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7181-8905>.

Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006a. p. 119-138.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006b. p. 97-117.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Filosofia y superstición**. Madrid: Alianza/Taurus, 1972.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Mínima moralia**. Reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1992.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Textos escolhidos**. (Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ALBUQUERQUE, Amanda Pereira; MACIEL, Sílvia. Bullying escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Contexto & Educação**, v. 37, n. 117, p. 186-198, 2022. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2022.117.12877>.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antonio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zqHCbb9MvDmKpg8HkRlPBXK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 mar. 2022.

ASSIS, Machado de. **Conto de escola**. Jandira-SP: Ciranda Cultural, 2021.

AZEVEDO, Alúfio de. **Casa de pensão**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2020.

CAÑONGO, Anayanzin Antonio; VILLEGAS, Gabriela Ordaz; TOMASINI, Guadalupe Aclé. Diferencias entre estudiantes y docentes de una escuela secundaria respecto al bullying y la discriminación. **Educación e Contemporaneidade**, v. 32, n. 69, p. 90-105, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2023.v32.n69.p90-105>.

CARVALHO, Cleiry de Oliveira. Dos caminhos da violência na escola representada na literatura brasileira. **Itinerarius Reflectionis**, v. 15, n. 4, p. 1-25, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/63432/34850>. Acesso em: 01 jun. 2022.

CARVALHO, Carlos Henrique de; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. O *Ateneu* na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX. **Linguagens, Educação e Sociedade**, ano 13, n. 18, p. 54-67, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1530>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Maurício Rodrigues de. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230019>.

CORINGA, Sumara Marta Gualberto; GOMES, Elisete Aparecida Ferreira; MOREIRA, Sullyan Aparecida da Silva. O *Ateneu*: Um território marcado pelo bullying. **QUIPUS**, v. 2, n. 1, p. 47-54, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unp.br/index.php/quipus/article/view/284>. Acesso em: 28 jan. 2023.

COSTA, Karen Maria Rodrigues; MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. Associação entre bullying escolar e suicídio: uma revisão integrativa da literatura. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/**

Brazilian Journal of Mental Health, v. 12, n. 31, p. 312-327, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69815>. Acesso em: 27 jan. 2023.

CROCHICK, José Leon. Pontos sobre o autoritarismo contemporâneo. In: PEREZ, Deivis; SILVA, Eduardo Pinto; SIMÕES, Maria Cristina Dancham (Orgs.). **Práxis em psicologia social: o enfrentamento a pautas autoritárias e à lógica privatista** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Abrapso, 2017. p. 42-54. Disponível em: https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2021/09/colecao_encontros_volume4.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

CROCHICK, José Leon; CROCHICK, Nicole. **Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017.

CROCHÍK, José Leon. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. **Movimento**, v. 2, n. 3, p. 29-56, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32559>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CROCHÍK, José Leon. Personalidades autoritárias e preconceito: relações. **Psicologia Argumento**, v. 39, n. 7, p. 1181-1198, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27479/pdf>. Acesso em: 01 mar. 2022.

CRUZ, Ana Carolina de Picoli de Souza; CORTINA, Arnaldo. O Ateneu, de Raul Pompéia, e o programa das escolas cívico-militares do governo Bolsonaro: espaço-tempo claustrotópico. **Estudos Semióticos**, v.18, n. 3, p. 111-130, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198044>.

DANELON, Márcio; SILVA, Mauro Sérgio Santos da. O olhar da medusa: a objetivação do trabalho docente no movimento escola sem partido. **Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 58, p. 233-249, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2020.v29.n58.p233-249>.

DE WET, Corene; JACOBS, Lynette. Bullying no local de trabalho, abuso emocional e assédio nas escolas. In: D'CRUZ, Premilla; NORONHA, Ernesto, KEASHLY, Loreleigh; TYE-WILLIAMS, Stacy (Eds.). Tópicos Especiais e Ocupações, Profissões e Setores Particulares. **Handbooks of Workplace Bullying, Emotional Abuse and Harassment**, v. 4. Singapura: Springer, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-981-10-5308-5_11.

DUBOC, Maria José Oliveira et al. Bullying e desempenho escolar: leituras e compreensões. **Olhares**, v. 9, n. 1, p. 21-37, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11470/8492>. Acesso em: 01 mar. 2022.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

FERBER, Horacio Martin. Algunas discusiones y reflexiones conceptuales sobre la educación y el preconceito. **Educação e Contemporaneidade**, v. 32, n. 69, p. 27-41, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2023.v32.n69.p27-41>.

FERNANDES, Grazielli; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Mitos sobre bullying: o que diz a ciência? **Educação e Contemporaneidade**, v. 32, n. 69, p. 187-201, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2023.v32.n69.p187-201>.

GALUCH, Maria Terezinha Bellanda et al. **Bullying e preconceito não são brincadeira**: reflexões sobre a violência escolar. São Paulo: Benjamin Editorial, 2020.

GALUCH, Maria Terezinha Bellanda; CROCHICK, José Leon. **Formação cultural, ensino, aprendizagem e livro didático**. Para os anos iniciais do ensino fundamental. Maringá: Eduem, 2018.

GALUCH, Maria Terezinha Bellanda; SFORNI, Marta Sueli de Faria. “O Ateneu”: a escola da sociedade. **Perspectiva**, v. 10, n. 18, p. 33-43, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%25x>.

GOUVEIA, Sérgio Jorge da Silva. **Bullying escolar**: os observadores e o seu papel supremo no término deste fenómeno. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5002>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GRANADOS, Aurora González; RAMÍREZ, Fabiola Zacatelco; TOMASINI, Guadalupe Acle. Políticas antibullying en México. contraste entre discursos políticos, acciones y resultados. In: CROCHICK, José Leon; DIAS, Marian Ávila de Lima (Orgs.). **Estudos sobre violência escolar entre estudantes**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2020. p. 19-35.

GUIA DO ESTUDANTE. “O Ateneu”: resumo da obra de Raul Pompéia, 2022. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/o-ateneu-resumo-da-obra-de-raul-pompeia/>. Acesso em: 01 fev. 2022.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1956.

LUCAS, Fábio. As várias faces de Raul Pompéia e *O Ateneu*. **Remate de Males**, v. 15, n. 1, p. 13-32, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/remate.v15i1.8635924>.

MACHADO, Elisabeth Mazon. Figurações da violência contra crianças na literatura brasileira: um olhar sociológico. In: TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente et al. (Orgs.). **Violência, segurança e política**: processos e figurações. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2019. p. 177-189.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, p. 1359-1368, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017>.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e psicanálise**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MATOS, Vítor José; SILVA Joilson Pereira da; SANTOS Karine David; GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo. Autoestima e bullying: uma revisão integrativa. **Revista Educar Mais**, v. 4, n. 3, p. 557-590, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.4.2020.1904>.

MELLO, Flávia Carvalho Malta et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2939-2948, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O drama público de Raul Pompéia. Sexualidade e política no Brasil finissecular. **RBCS**, v. 26, n. 75, p. 1-17, fev. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092011000100004>.

MONTEIRO, Renan Pereira et al. Valores humanos e bullying: Idade e sexo moderam essa relação? **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 3, p. 1317-1328, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.3-18Pt>.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1996. (Bom Livro). Disponível em: <http://www.culturatura.com.br/obras/O%20Ateneu.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

REGO, José Lins do. **Doidinho**. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Cultura militar e de violência no mundo antigo**: Israel, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

SANTOS, Igor. “No meu tempo não existia bullying”. **ScienceBlogs**: Ciência, Cultura, Política, 14 mai. 2014. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/uoleo/2014/05/15/no-meu-tempo-na-existia-bullying/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

SANTOS, Igor Henrique Farias et al. Bullying em adolescentes e sua relação com autonomia e autoritarismo. In: CROCHICK, José Leon; DIAS, Marian Ávila de Lima. (Orgs.). **Estudos sobre violência escolar entre estudantes**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2020. p. 149-167.

SANTOS, Tiago Ribeiro; MARCHI, Rita de Cássia. O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompéia. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 1, p. 339-360, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/hSsKvwr94yvtMzmsgKXZrx/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt et al. A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3s8Bkbw8Bc9nFR96vZj45Mm/?lang=pt#>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa da. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Gilson Pequeno da et al. Bullying e violência no ambiente escolar: uma revisão de literatura no período de 2015-2019. **REAS/EJCH**, v. 11, n. 13, p. 1-8, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e860.2019>.

SILVA, Luciene Maria et al. Percepção de professores acerca do bullying. **Olhares**, v. 9, n. 1, p. 170-190, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11180/8500>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SILVA, Jorge Luiz da; BAZON, Marina Rezende. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 59, p. 615-628, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X28082>.

UNESCO. **Violência escolar e bullying são um grande problema global, revela nova publicação da UNESCO**. 2019. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/school-violence-and-bullying-major-global-issue-new-unesco-publication-finds>. Acesso em: 28 jan. 2023.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. Associação entre bullying escolar e o país de origem: um estudo transcultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240013>. Acesso em: 28 jan. 2023.

Recebido: agosto 2023
Aceito: novembro 2023

The Creative Commons License in Revista InterMeio

CC BY-NC-SA: This license allows reusers to distribute, remix, adapt, and build upon the material in any medium or format for non-commercial purposes only, and only so long as attribution is given to the creator. If you remix, adapt or build upon the material, you must license the modified material under identical terms.

CC BY-NC-SA includes the following elements: • BY: Credit must be given to the creator; • NC: Only noncommercial uses of the work are permitted; • SA: Adaptations must be shared under the same terms.